

Nepotismo ameaça parlamentares candidatos

Assunto vai ser explorado durante toda a campanha

Os candidatos a presidente da República que têm mandato parlamentar — senadores Mário Covas, Jarbas Passarinho e Affonso Camargo, e deputados Luís Ignácio Lula da Silva e Ulysses Guimarães — poderão perder votos por causa da má imagem do Congresso, sobretudo depois da descoberta de grande número de parentes nomeados na Câmara e no Senado. Apesar de, à exceção de Passarinho, eles não terem acomodado parentes nos quadros funcionais do Legislativo, está sendo esperada uma grande pressão contra os políticos com mandato, um tema sempre explorado por um adversário comum de todos eles, o ex-governador Leonel Brizola.

“Esse é um Congresso despreparado para exercer as suas funções. Não quero nem pensar na existência de um regime parlamentarista com esses parlamentares”, ataca o líder do PDT na Câmara, Vivaldo Barbosa, condenando um dos principais temas da

Brasília — José Varella



Covas: povo faz distinção

campanha do PSDB que é o parlamentarismo. Covas, do PSDB, rebate: “Eu já vi o Brizola fazer críticas muito fortes ao Poder executivo e, ao que me consta, ele pleiteia assumir esse Poder.”

Vício - Covas admite que este tema

venha a frequentar os debates da campanha eleitoral, e acha correto que se faça isso. Mas tem uma ressalva: “A opinião pública saberá distinguir as posições de cada candidato. Até porque os presidenciáveis que não são parlamentares já foram em outras épocas. E quem me diz que, naquela época, a situação não era pior, mas sem a transparência de hoje?”

O candidato do PTB à Presidência, Affonso Camargo, é um dos poucos congressistas que fala com naturalidade sobre os casos de nepotismo: “Só uma lei acaba com esse vício da vida política brasileira. Se eu for eleito presidente, e ainda não existir esta lei, eu mesmo vou proibir. Farei uma recomendação que servirá como lei e pronto”

Segundo o senador, tirando sua mulher e suas filhas, ninguém na família Camargo entende que ele não faça nomeações. “A primagem (primos de 2º e 3º graus) nunca entendeu. Acha que eu sou uma pessoa inacessível, completamente errada”, conta Camargo, que tem 25 anos de vida pública

é senador em segundo mandato e já foi ministro dos Transportes, vice-governador do Paraná, secretário de Estado e presidente

de bancos oficiais “sem nunca ter empregado um só parente”.

Genealogia - Esse não é o caso de outro candidato, o senador Jarbas Passarinho (PDS), que tem quatro filhos empregados no Senado. “Isso não me abala”, diz ele. Seu argumento: “Se você for fazer um estudo no Senado, vai chegar à conclusão de que é uma verdadeira árvore genealógica. Antigamente não havia concurso, o que ensejou uma forma de política em que o ingresso era uma questão de prestígio”. Passarinho diz que seus filhos “trabalham, são competentes e comparecem todos os dias e não apenas no fim do mês para pegar o contracheque”.

O presidente do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que encarna mais do que todos os outros candidatos a imagem do Poder Legislativo — foi presidente da Câmara por quatro anos — acha que o problema do nepotismo não afetará a campanha eleitoral. “Prefiro não me meter nisso”, afirma. O PT e seu candidato, Lula, também acham que o assunto deve ser debatido em contexto mais amplo e que, assim, não vai ajudar nem prejudicar nenhum candidato.